Acervo ISA

LUX JORNAL | O LIBERAL BELEM-PA

SINR0222

*5 NOV 1993

Indios / Saúde

272

190

9

Vírus detectado em tribos da Amazônia

Dos cerca de dois mil índios da Amazônia pesquisados pela Universidade Federal do Pará e Universidade de Miami (EUA), 102 estão infectados pelo HTLV-2, um vírus que pode causar doenças neurológicas e hematológicas. É o primeiro registro desse vírus no Brasil, que foi descoberto na Califórnia em 1982 e ainda requer estudos mais aprofundados. É a primeira vez também, em nível mundial, que os pesquisadores detectam a transmissão vertical (de mãe para filho) desse vírus. Na nação Caiapó há casos de contaminação em três gerações (avó, mãe e filho).

Do total de índios infectados — 106, pertencentes a 26 tribos —, apenas quatro têm o HTLV-1, que causa leucemia aguda (fatal) e doença neurológica, semelhante à esclerose múltipla. No caso desse vírus, que já foi detectado em outros Estados brasileiros, como a Bahia e Pernambuco, as chances de desenvolver as doenças são pequenas. O HTLV-2 também apresenta alta incidência de contaminação nas tribos Tirió, Arara, Wayana-Apalaí, Parakanã, Munduruku, Ianomami e Iamamadi. Nenhum dos índios estudados apresentou, porém, doenças associadas aos dois vírus.

O objetivo desse trabalho, desenvolvido desde o início do ano, era pesquisar nas populações indígenas da Amazônia a presença do HTLV, vírus que causa leucemia e linfoma de células T (linfócitos) em seres humanos. Os linfócitos são células sangüíneas que servem para a defesa orgânica. O pesquisador Ricardo Ishak, professor titular de Virologia da UFPA, explicou que a incubação do HTLV-2 varia de 20 a 40 anos. Ele observou que há casos de índios com até cinco parceiras sexuais, o que faz parte da cultura indígena, e revela que essa prática "facilita a transmissão do vírus". Ponderou, contudo, que ainda há muito a ser estudado a esse respeito.

Preocupação

Os casos do HTLV-2 preocupam o virologista pelo fato de as comunidades indígenas atingidas serem pequenas e, em geral, facilmente dizimadas. Segundo a literatura médica, esses vírus estão associados às populações indígenas, e há registros de casos nos Estados Unidos. A pesquisa, iniciada no início deste ano, faz parte do Programa de Mapeamento de Doenças Sexualmente Transmissíveis e Marcadores Genéticos. Os marcadores genéticos é que dão a identidade aos indivíduos.

NELDSON NEVES

Ricardo Ishak, pesquisador

Desenvolvido desde 1988 pela UFPA, o trabalho é voltado às populações indígenas da Amazônia e conta com a participação de três laboratórios: o de Virologia e de Genética Humana, ambos da UFPA, e o de Hematologia, da Universidade de Miami. Os recursos são da UFPA, CNPq, Companhia Vale do Rio Doce, Universidade de Miami e das financiadoras NIH e Schering, ambas americanas. Desde 1988 já foram produzidas seis dissertações de mestrado e outras quatro estão sendo preparadas com base nos resultados da pesquisa.

Ricardo Ishak explicou que, agora, o próximo passo da pesquisa é saber qual o agente viral do HTLV-2: A ou B. O primeiro está relacionado às pessoas que utilizam drogas injetáveis, e é o que prevalece nos Estados Unidos. O B ainda não está caracterizado. Também interessa aos pesquisadores fazer o sequenciamento genético desse vírus, para verificar a composição do seu material genético. Isso permitirá conhecer a severidade do vírus.